

Perspectiva psicanalítica do caso clínico de um menino com transtorno déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e suspeita de X-Frágil

Psychoanalytic perspective on the clinical case of a boy with attention deficit hyperactivity disorder (ADHD) and suspected Fragile X

Maria Luzinete Alves Vanzeler^{1*}

RESUMO

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar sob a ótica da Teoria Psicanalítica, a história clínica de Jonas, de nove anos, que veio para o atendimento psicoterapêutico com queixas de dificuldades de aprendizagem, hiperatividade e déficit de atenção (TDAH), os atendimentos ocorreram durante os Estágios Supervisionados, no Curso de Psicologia da UFMT. Jonas é filho de Mara e Maurício, está no quarto ano do ensino fundamental, reside com a mãe, professora do ensino infantil. Seu pai é usuário de drogas. Jonas foi diagnosticado a mais de dois anos como portador de TDAH, tem baixo desempenho escolar e usa metilfenidato 20mg. Sua pediatra suspeita de síndrome de X – Frágil e encaminhou para realização de exames específicos. O acompanhamento psicoterapêutico foi feito através da brincadeira na clínica psicanalítica, pois através desta técnica é possível expressar simbolicamente fantasias, desejos e experiências. Percebeu-se durante as sessões o interesse de Jonas em participar das brincadeiras e dos jogos bem como dos diálogos e demonstrou de afeto pela Psicoterapeuta. Estes dados sugerem transferência positiva. Jonas arrumava os brinquedos para brincar, sugerindo uma tentativa de organização interna.

Palavras-chave: Psicoterapia; Psicanálise; TDAH; X-Frágil.

ABSTRACT

The objective of this paper is to describe and analyze, from the psychoanalytic theory point of view, the clinical history of Jonas, nine years old, who came to the psychotherapeutic service with complaints of learning difficulties, hyperactivity and attention deficit disorder (ADHD). Jonas is Mara and Mauricio's son, he is in the fourth grade of elementary school, lives with his mother, a kindergarten teacher. His father is a drug user. Jonas was diagnosed more than two years ago as having ADHD, has low school performance, and uses methylphenidate 20mg. His pediatrician suspects fragile X syndrome and referred him for specific tests. The psychotherapeutic follow-up was done through play in the psychoanalytic clinic, because through this technique it is possible to express fantasies, desires, and experiences symbolically. During the sessions, we noticed Jonas' interest in participating in the games and in the dialogues, and he showed affection for the psychotherapist. These data suggest positive transference. Jonas arranged his toys to play with, suggesting an attempt at internal organization.

Keywords: Psychotherapy; Psychoanalysis; ADHD; Fragile X Syndrome

¹ Universidade Federal de Mato Grosso
*vanzeler@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O brincar na análise de crianças

O brincar é a via de projeção das fantasias, facilitando a elaboração das situações traumáticas e permitindo que a criança possa investigar (ABERASTURY, 1992). Para Winnicott (1975) a criança não necessita de muitos brinquedos e sim de espaço para sentir-se livre e fazer do brincar o uso que quiser. Para este autor: “É no brincar e, talvez, apenas no brincar, que a criança ou o adulto fluem sua liberdade de criação (WINNICOTT, 1975, p79)”.

Para Soifer (1992) brincar imita a vida dos adultos. Ele permite diferenciar a fantasia da realidade, além de desenvolver a capacidade motora, ampliar o psiquismo e o conhecimento, unindo, através da ação situações imaginárias com situações do mundo real. De acordo com Copolillo (1990) analista e paciente trabalharão juntos examinando sentimentos, pensamentos e acontecimentos com o objetivo de que a criança possa aumentar seu leque de escolhas na conduta e pensamento. Ele vai ajudá-la a elaborar seus problemas e aliviá-la do sofrimento.

De acordo com Sarnoff (1995) o material usado no consultório, deve considerar a idade do paciente, e as técnicas que se dispõe para que a criança possa expressar conflitos e conceitos quando fracassarem as palavras.

Ainda, segundo Sarnoff (1995), os materiais utilizados refletirão a fase de desenvolvimento psicosexual da criança, devendo ser capazes de expressar conteúdo de memória latente. Por exemplo, na fase oral, as crianças costumam brincar com mamadeiras, cuidam de bonecos, utilizam histórias. Na fase anal elas apreciam brincar com conteúdo sádicos, brinquedos de guerra, que sujam (fezes), soldadinhos, bombardeios. Isso porque a criança necessita de descarga e análise do conteúdo para dominar o estresse vivenciado. Na fase fálica (complexo de Édipo), os brinquedos denotam rivalidade, armas, conflitos (desejos de penetração, agressão aos pais). O jogo espontâneo (sem regras impostas) permite que a criança utilize recursos próprios, da sua personalidade, da organização do seu papel. O analista deve evitar a introdução de suas próprias fantasias e personagens, ou seja, deve participar da história criada pelo paciente. Aberastury (1992) fala que se o adulto interrompe o jogo, ele perturba o desenvolvimento da experiência que a criança realiza. Os jogos e sua organização tentam prevenir o aspecto assustador do brincar. Não se deve ingressar no brincar da criança, pois isso pode inibi-la, deve deixá-la convidar para brincar (WINNICOTT, 1975 p79).

Sandler (2001) refere que os brinquedos, histórias, papéis servem para preparar e facilitar interpretação. Essa técnica permite certo grau de deslocamento e externalização do eu, dos representantes objetivos e a interação entre eles. A criança é quem inicia a utilização do material lúdico, o analista segue as orientações da criança, através do manejo que faz com os brinquedos contidos na caixa. Poderíamos dizer que o roteiro é da criança e o analista é o participante da cena. O analista deve respeitar o "*timing*", o momento certo para interpretar, e para isso deve observar acompanhar o ritmo e o significado atribuído ao brinquedo pela criança, porque um mesmo gesto no brincar pode ter muitos significados (MELLO, 1993).

Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)

Conforme o texto revisado do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, 5ª edição (DSM 5), da Associação Psiquiátrica Americana, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) está classificado entre os transtornos do neurodesenvolvimento, e se caracteriza por dificuldades no desenvolvimento que se manifestam precocemente e influenciam o funcionamento pessoal, social, acadêmico ou pessoal (DSM 5, 2014). O TDAH é uma disfunção no córtex pré-frontal, e apresenta entre seus sintomas a impulsividade, distúrbios de desatenção, prejuízo no controle das emoções, dificuldade de planejamento, elaboração de estratégias e hiperatividade, com hipercinesia. De causa genética, manifesta-se na infância, permanecendo na vida adulta na maioria dos casos (DSM 5, 2014).

Estima-se que cerca de 4 a 5% da população mundial adulta tenha TDAH. No Brasil, a prevalência varia de 0,9% a 26,8%, entre crianças e adolescentes. No meio acadêmico, cerca de 12,5% a 21,8% dos alunos encaixam-se nos critérios diagnósticos para o transtorno e pelo menos 25% dos acadêmicos com dificuldades na universidade são diagnosticados com TDAH. Uma pesquisa realizada em uma faculdade de medicina chinesa em 2018, detectou 8,45% de prevalência de TDAH entre os alunos. Já, no Brasil, no mesmo ano, foi detectada uma prevalência de 4,5%, entre acadêmicos do curso de medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SILVA; DA SILVA; VIETTA, 2022).

Estudos em diversos países relatam lacunas no conhecimento de diferentes grupos sobre o TDAH. Conforme Bekle (2004), cerca de 50% dos estudantes de pedagogia e 48% dos professores concordaram com a afirmação de que o TDAH pode ser causado por açúcar ou outros aditivos alimentares. Esse mito aparece em 44% de 486 cuidadores de crianças que frequentavam turmas de educação especial na Flórida, Estados Unidos (BUSSING et al. 1998). Os pais de classe média com filhos em tratamento por TDAH, 64% a 66% acreditavam que a dieta e o açúcar influenciam o comportamento hiperativo. Além disso, 38% dos pais acreditam que o acompanhamento psicoterápico é o melhor

tratamento para TDAH e 55% e hesitavam em usar a medicação com base em informações sobre estimulantes veiculadas na imprensa leiga (BUSSING et al. 1998; DOSREIS et al., 2003).

Na Austrália, um estudo com clínicos gerais mostrou que eles atribuíam o TDAH principalmente à ausência de disciplina e ao despreparo dos pais. Além disso, os clínicos acreditam que o transtorno é excessivamente diagnosticado e que eles próprios não estavam preparados para diagnosticar e manejar esses pacientes (SHAW et al. 2003).

A Síndrome do X-Frágil

Atualmente a Síndrome do X Frágil obteve maior atenção científica devido, devido sua prevalência e aos distúrbios do desenvolvimento associados. Estudos citogenéticos, utilizando métodos de análise molecular, mostram prevalência de (1:4000-6000) (TURNER et al. 1996). Segundo Ballone (2012), a Síndrome do X-Frágil é uma condição genética herdada, produzida pela alteração molecular ou por quebra no cromossomo X, no ponto, q27.3 ou q28.

O corpo humano contém 23 pares de cromossomos e esses constituem o material genético (DNA) necessário para a produção de proteínas para o desenvolvimento físico, mental ou metabólico. Sabe-se que um par de cromossomos diferencia o homem e da mulher. Assim se o embrião tiver a constituição XY será homem e se tiver XX será mulher. Observa-se maior prevalência da Síndrome do X Frágil em meninos, provavelmente porque nos homens há apenas um cromossomo X, sendo este defeituoso não haveria outro X sadio para compensar (DA CUNHA e MAGALHÃES, 2012).

A manifestação clínica mais importante dessa Síndrome é o retardo mental que, entre os homens, costuma ser grave (QI entre 20 e 35) ou moderado (QI entre 35 e 50). Em um terço das mulheres com essa Síndrome, esse retardo se apresenta leve ou limítrofe (QI 50 a 70). Nos graus mais leves a aprendizagem não é tão afetada. As meninas com essa Síndrome podem ter um funcionamento mental normal. O aprendizado dos portadores da Síndrome com retardo mental dá-se, por estimulação visual e a maioria deles tem dificuldades para resolução de problemas (DA CUNHA e MAGALHÃES, 2012).

Além do comprometimento intelectual, outros sinais podem contribuir para o diagnóstico clínico da Síndrome, tais como: dimorfismos faciais (face alongada e mandíbula proeminente), anomalias nas orelhas (grandes e/ou em abano), macrorquidia

(aumento do volume testicular), mais evidentes a partir da puberdade (VRIES, et al. 1998). Alterações da fala e linguagem. Dificuldade em elaborar frases curtas antes de dois anos e meio.

As manifestações comportamentais nesses indivíduos assemelham-se as do déficit de atenção: a dificuldade na interação social, a timidez, a ansiedade, a labilidade emocional e movimentos estereotipados de mãos (YONAMINE & SILVA, 2002), além de hiperatividade, impulsividade, oscilações do humor, agressividade e comportamento obsessivo.

OBJETIVO

O objetivo deste artigo foi descrever e analisar sob a ótica da Teoria Psicanalítica, a história clínica de um menino de nove anos diagnosticado com TDAH e suspeita de Síndrome do X frágil. O acompanhamento realizou-se através da brincadeira na clínica psicanalítica. Esta técnica possibilita a criança expressar simbolicamente fantasias, desejos e experiências.

DESCRIÇÃO DO CASO

O caso relatado foi acompanhado, por oito meses no serviço de Psicoterapia Aplicada (SPA/UFMT) foram 12 sessões, com o paciente Jonas (nome fictício), um menino de nove anos, Filho de Mara (nome fictício), pedagoga e Professora do ensino infantil e Maurício (nome fictício). Jonas está no quarto ano do ensino fundamental e reside com sua mãe.

A mãe procurou o serviço queixando-se do comportamento agitado de Jonas, e disse que ele recebeu atendimento psicológico por oito meses no Hospital Universitário Júlio Müller (HUJM) e foi diagnosticado com TDAH e por este motivo foi encaminhado a uma Psiquiatra do Sistema Único de Saúde (SUS) que o receitou Ritalina[®] 20mg e depois mudou para Ritalina[®] LA 20mg.

Mara disse engravidou ainda solteira e foi morar com Maurício. Ela falou que sempre quis o filho e que no quinto mês de gravidez o companheiro que é usuário de drogas foi preso por furto e ela ficou sozinha. Aos seis meses de gravidez ela teve sintomas de aborto e fez repouso a pedido médico. Jonas nasceu normal, mas não chorou ao nascer, e chorava pouco no berçário. Interrompeu a amamentação aos três meses,

quando ela voltou ao trabalho, daí o menino passou a ser alimentado através de mamadeira e usou chupeta.

Mara sentia-se incomodada com o comportamento do filho e com as cobranças da escola, já que inicialmente o medicamento deixava diferente, alheio, distante, mas se concentrava para estudar, mas quando mudou a Ritalina[®] LA 20mg, não tinha o efeito.

Em casa ele não quer fazer as tarefas, nem quer ler e quando faz as tarefas, faz lentamente, quando a mãe lê para ele. Não faz trabalho junto com colegas, porque ele quer que a palavra dele prevaleça. Quando os colegas dizem não, ele fica zangado. Ele não é muito de brincar, mas gosta de jogar dominó e quebra cabeças.

Na **primeira sessão** de psicoterapia, Jonas disse que gosta de brincar, gosta da escola, tem amigos, e os professores gostam dele, citou o nome das disciplinas que estuda, disse que gosta de estudar, realiza as tarefas em casa, frequenta aulas de flauta e coral, e que quer viajar para Europa com os colegas de flauta e coral. E citou espontaneamente as notas musicais que já conhece (Do, Re, Mi, Fa, Sol, La, Si).

Quando eu avisei que ele podia brincar, ele logo foi procurar os brinquedos, disse que gosta de carros e arrumou os brinquedos no tapete. Encheu a carroceria de um caminhão com carrinhos da Hot Wheels, e investigou onde ligava a moto.

Na sequência, realizou uma luta entre os bonequinhos sendo que o “mais forte” matou outros quatro e foi derrubado pelo quinto bonequinho. Porém o boneco “mais forte” se levantou e matou o boneco que o derrubou. Jonas pegou dois outros bonequinhos e disse serem avatares os dois brigaram e um morreu. Depois organizou os animais sobre o tapete e alimentou a Girafa o Rinoceronte com folhas de árvore. Ele disse que toma medicamento, porque não presta atenção. E que estava prestando atenção nos brinquedos porque na brincadeira é diferente e ele presta atenção. Olhou no baú e não quis pegar os brinquedos porque eram de meninas. Depois jogou o tubarão na água, em seguida jogou os outros peixes no mesmo lugar. Ao final ele guardou os brinquedos conforme combinado e pediu um carrinho, eu disse que não podia dar, mas que os carrinhos eram para ele brincar todas as vezes que viesse. Quando sua mãe veio buscar ele disse que estava de parabéns porque arrumou tudo.

Na **Segunda sessão** Jonas queixou-se de que seus colegas dizem que ele é feio e que não gostam dele, porque ele não quieta. Depois organizou os brinquedos sobre o tapete e começou a brincar. Perguntou se outros meninos brincavam com os carrinhos. Eu disse que não, mas ele pediu para levar pra casa. E eu disse que não era possível, pois

se ele levasse não teria na sessão seguinte. Ele insistiu dizendo que os carrinhos eram dele e que ele tem ciúme de seus brinquedos e pediu para eu não deixar outros meninos brincarem com os carrinhos.

Jonas pegou dois bonequinhos “os mais fortes” e deixou lado a lado, pegou a caixa de massa de modelar e fez um cercado em frente a eles e disse que o cercado era para ninguém passar, os bonecos estavam protegendo, depois ele desfez a barreira para que os animais possam para o zoológico. Ele brincou de correr e empinar a moto até que deu um tombo e disse que estava passando mal, quebrou a perna e pediu pra ser levado ao hospital no meu carro, pegou um bonequinho (Jonas) e uma bonequinha (eu), colocou os dois no jeep e seguimos ao pronto socorro para ele fosse atendido. Depois ele “capotou o carro dele”, e o “meu carro”, e disse que iria pagar o seguro e levar para oficina. Ele levou o carro para um canto “oficina” e na volta ele trouxe um presente para mim e em seguida disse que era um carro novo. Interrogado sobre o porquê de andar perigosamente. Ele disse que gosta. Perguntado se ele sabe o que acontece com quem provoca acidente ele disse que morre e que ele não tem medo de morrer. Interrogado sobre preocupação com a família se ele morrer. Ele disse que se preocupa com mãe e com a avó, mas não se preocupa com o pai.

Na sequência ele pintou uma onça e um coração. Enquanto isto eu investiguei como ele está na escola. Ele disse foi bom, e que sentiu saudade de mim e que agora está quieto sem o remédio e que o remédio lhe deixa pálido e que só fala quando a professora pergunta. Ele disse que só lê se a professora pede, e não consegue fazer conta e depois pediu para me chamar de tia. No coração que pintou e escreveu o nome dele e o meu. Em seguida negociou comigo os bichos do zoológico. Um jabuti é duzentos reais, dois quatrocentos, três seiscentos e os quatro oitocentos, o macaco é cento e cinquenta, uma zebra é trezentos e cinquenta. Depois jogamos as quebras cabeças, e ele se divertiu muito “Tia Luzinete está perdendo”. Por fim ele guardou os brinquedos. Sua mãe me disse que ele anda pegando coisas dos outros.

Terceira sessão – Jonas estava de férias e disse que a férias estava boa e que foi para a casa de sua avó, mas a melhor parte das férias é ficar com sua mãe, sentiu saudade de mim, e que gosta de vir para as sessões de psicoterapia.

Organizou os brinquedos sobre o tapete e desenhou um jeep, lembrou-se dos bichos que me vendeu na sessão anterior, depois pegou um pato grande e disse que o preço era três mil, e que a prestação ficava a novecentos. Pediu um carrinho para levar para casa,

mas e informei que os carrinhos são para brincar na universidade. Em seguida ele sugeriu irmos ao “shopping”, eu no “meu carro e ele no dele”, depois me deu de presente um xadrez e outro brinquedo, e não quis jogar xadrez porque não sabe jogar. Em seguida brincou com os carrinhos e disse que deu jeep de presente de aniversário para a filha dele de 19 anos que já é casada e tem uma filha adotada de 17 anos, mas depois ele disse que a moça de 17 anos é filha dele, mas pensa que foi adotada.

Correu de moto, depois de carro, tombou e capotou e disse que gosta de andar rápido e perigosamente e que ninguém tem carro de verdade na casa dele, mas quando ele crescer vai querer ter carro e correr muito, pois ele tem coragem. Em seguida Jogamos bozó e ele pediu para eu registrar os resultados das partidas ao final eu ganhei o jogo, mas ele não ficou chateado. Ao final ele arrumou e guardou tudo e quis saber se ainda tinha tempo e como restavam cinco minutos ele pediu para fazer um desenho para sua mãe, mas se desinteressou do desenho quando soube que não podia levar.

Quarta sessão – Jonas saiu detrás da caixa de disjuntores no estacionamento e disse bumum! Depois disse que gosta de mim e sente saudade. Entramos na sala de atendimento e ele organizou os brinquedos sobre o tapete e quis saber se eu iria brincar? Eu disse que sim e me sentei no chão e ele continuou arrumando os brinquedos, no canto a direita ele arrumou os mamíferos (girafa, macaco, veado, zebra leão, anta, zebra etc.) a esquerda ele organizou as aves (patos) e os quelônios (tartarugas e jabotis). Convidou-me para viajar de avião, para os Estados Unidos, depois para ir ao “shopping”, cada um no seu carro, ele disse que comprou três presentes para mim depois foi para o zoológico e disse que todos os animais eram mansos, só o Chipanzé pode morder ele é mais bravo.

Neste dia, Jonas colocou as bonecas poli em minhas mãos porque eram minhas filhas, depois disse que mais tarde para a piscina e perguntou se podia levar “minha filha”, após uma volta de carro, ele voltou e disse que ia levar a mais bonita e escolheu a de cabelo vermelho, e disse que o cabelo dela não é bonito, porque estava pintado e que bonito é o cabelo normal, preto ou louro. Colocou-a, no jeep e levou para a “piscina”, deixou a boneca com a roupa de baixo, penteou o cabelo e colocou na “piscina”. Depois penteou todas as polis e colocou na piscina imaginária e quando tirou à roupa de uma das bonequinhas ele disse assustado é um homem e o abaixou. Depois ele quis saber por que eu não levo as minhas filhas (de verdade) para o SPA eu disse elas estão na escola e porque eu não as levo para o meu trabalho. Ele falou que queria adotar as minhas filhas, para dar uma surra e botar elas na linha. Ele disse que já apanhou com espada de são

Jorge, mas não entrou na linha porque ele é muito agitado e brinca com muitos brinquedos ao mesmo tempo e foi sua mãe quem disse isto.

Ele pegou o pincel e as tintas e sujou o papel de vermelho e preto várias vezes e pediu que eu adivinhasse o que era aquilo. Ele disse começa com “F”. O que é vermelho e preto e começa com “F”? Ele disse vou lhe dar mais uma dica, “Fla” eu disse é melhor você dizer. Eu disse flamengo. Ele disse acertou.

Quinta sessão – Na antessala Mara me comunicou que o boletim de Jonas estava horrível e que talvez ele fosse reprovar. Na sala, Jonas organizou os brinquedos. Eu o estimulei a falar da escola. Ele disse que se comporta bem, porque tem tomado do remédio. Deu-me as poli, porque são minhas filhas e quis saber se eu iria voltar no ano seguinte, eu confirmei até o início do ano. Mas ele ficou um pouco decepcionado porque queria que eu ficasse até o fim do ano. Depois me deu um fantoche de presente e sugeri irmos ao “shopping” cada um no seu carro. Em seguida, Jonas colocou o macaco e uma poli para correr de moto, depois a moto caiu e ele disse que tinha uma notícia ruim para me dar. A minha filha foi acidentada está passando mal e pode morrer; ela caiu com o macaco da moto, o macaco morreu. Ele tinha pressa par levar a minha filha ao hospital, porque ela está quase morta. Ela vai ficar até o fim do ano no hospital e pode morrer.

Jonas e eu jogamos bozó, ele ganhou a partida e ficou feliz. Ao final da sessão ele quis saber se não daria pra ficar mais um pouquinho. Eu disse que não dava mais, pois tinha outro psicólogo para ocupar a sala. Ele estava com preguiça de arrumar, mas eu o lembrei de que, arrumar é responsabilidade dele, ele pediu ajuda, mas eu não ajudei já que arrumar é tarefa dele. Ele trabalhou devagar, mas arrumou tudo.

Sexta sessão - Eu comentei que fazia duas semanas que não nos encontrávamos e queria saber como ele se sentiu, ele disse que sentiu saudade de mim, e que sua mãe disse que vai tirá-lo da psicoterapia, porque aqui só tem brincadeira. Mas Jonas não quer sair. Organizou os brinquedos sobre o tapete e disse para eu vestir as roupas das minhas filhas, deu voltas de moto, derrubou a moto pegou o carro para ir ao “shopping”, voltou e levou as filhas dele e as minhas para a piscina. Perguntou as horas? Eu disse que eram 08h30min. Ele pediu para ficar até as 10h00min, eu falei que o nosso tempo acaba as nove. Ele quis saber se eu iria atender outra pessoa, eu afirmei que não, mas outro colega irá ocupar a sala. Desenhou um coração, escreveu mamãe dentro e recortou em torno do traço desenhado. Ele pegou uma caixinha e leu uma frase inteira, eu perguntei se ele gosta de ler e ele disse gosto de gibi.

Eu sugeri que ele levasse a organização da brincadeira para casa dele e para escola. Ele disse que ficou triste porque eu falei igual sua mãe. Eu pedi desculpa e ele continuou brincando e falou que toca e canta. Sugeri a ele trazer a flauta na próxima semana para eu o ouvir tocar. Ele enrolou um bocado para arrumar os brinquedos.

Sétima sessão – Jonas quis saber do jeep que eu não sabia onde estava. depois percebeu o balde cheio de soldadinhos novos e se entusiasmou, logo abaixou os soldadinhos no chão, e os organizou em duas metades, largou os soldadinhos e se ocupou em desmontar a caixa de ferramentas usando a chave de fenda, depois pegou o serrote e fez um movimento de amolar o serrote, pegou o martelo e ficou preocupado porque ele estava fazendo barulho e quis saber se podia continuar, eu concordei e ele continuou, e disse que ali era uma loja de concertar coisas. Ele entregou-me a caixa dizendo que estava pronta. Jonas perguntava as horas a cada 15min, e não queria que acabasse a sessão e pediu para ficar até as 10h00min.

Construiu um cercado e quando estava pronto ele dividiu os animais, metade para mim e metade para ele, e em seguida fechou a porteira e disse para eu arrumar, sentei-me no chão e arrumei num canto, ele perguntou as horas, e repetiu que não queria que acabasse. Convidou-me para “irmos ao shopping”. Deixou o carrinho ao pé da mesa (estacionamento do shopping). Pegou a boneca de madeira e disse que era a minha filha. Falou o nome de sua namorada: Anne Gabrielle. Disse o soldado estava com arma apontada para a “minha filha”, deu um disparo e disse, “desculpa doutora, mas o soldado matou sua filha e eu não sou culpado a senhora me perdoa?” Eu o perdoei, mas pedi cuidado com as armas dos seus soldados. Ele pegou a boneca e disse que levaria ao hospital e que eu não precisava ir. Ele colocou a boneca sobre a mesa e disse que tinha uma boa notícia, minha filha viveu só o braço estava quebrado. Ele disse que fez respiração artificial.

Jonas estava cantando uma música estranha, o tempo todo desde início da sessão. Ao final eu quis saber se ele se lembrava do que eu pedi antes de entrar de férias. Ele disse que lembrava. “A senhora pediu para eu cantar uma música do coral e é isto que estou fazendo”.

Oitava sessão – Jonas se escondeu no cantinho da porta e Mara disse brincando que ele não veio, Jonas entrou sorrindo e levantou o pulso mostrando o relógio que ganhou da mãe pelo “Dia das Crianças”.

Na sala, ele abriu o armário e comentou que viu brinquedos novos e disse que os carrinhos da hot wheels eram dele e que ninguém pode brincar com eles. Tirou o tênis e organizou os brinquedos sobre o tapete. Depois andou de moto com a “minha filha”, eles caíram da moto e ele disse que não era culpado, pois ela estava dirigindo. Pegou o caminhão foi buscar as “minhas filhas, louras”. Depois, subiu nas costas do cavalinho azul e levou a “filha minha a mais bonita”, para andar no cavalinho com ele, e saiu saltitando pela sala com a bonequinha sobre o cavalinho até que ela caiu e ele trouxe de volta dizendo que ela se machucou, mas ele não foi culpado, é o cavalo que é bravo e disse que eu não posso andar no cavalinho porque posso me machucar.

Convidou-me para jogar palitos. Jogamos várias vezes, mas não contamos os pontos. Quando o tempo se esgotou ele quis saber se vinha outra pessoa para a sala eu disse que sim. Ele disse faltou pintar a minha casa, mas na próxima sessão ele prometeu que pintaria e disse se ele não pintasse eu poderia batê-lo. Eu respondi que nem de brincadeira eu bato em criança. Ele pediu ajuda para guardar os brinquedos e eu disse, esta tarefa é dele, e que eu só iria verificar o armário quando estiver tudo pronto, ele arrumou sozinho.

Nona sessão (com a mãe) - Mara disse que Jonas está difícil, muito teimoso, quer chamar atenção, sai para rua sem permissão, fala alto quando ele está ao telefone e rói unha. Ela acredita que ele precisa de mais atenção. Ele se distrai fácil, não brinca com criança da idade dele, mas brinca com criança de quatro anos como de tivesse a mesma idade. Não tem colegas na escola e a única pessoa da idade dele que ele brinca é uma tia de 10 anos.

Ela disse que conversa não adianta, e que chega a bater nele e depois ela chora. Ele continua mal na escola e deve reprovar, não faz os exercícios em sala de aula e se a professora pede ele diz que não vai fazer e pronto, em casa ele enrola, faz birra e as tarefas demoram tanto que faz raiva, e às vezes parece que ele não sabe as operações simples, mas gosta de ler gibi. Ele está lendo bem, mas tira notas baixas em português. Mara contratou uma professora particular, mas ela só consegue ensinar se ele tomar o medicamento. Ele voltou a tomar Ritalina[®] 20mg porque a Ritalina LA[®] 20mg, o deixa agitado, mas a psiquiatra disse que é assim mesmo tem crianças que não se dão bem com a Ritalina LA[®].

Mara falou de sua preocupação com a possibilidade iminente de reprovação, pois ela teme que a autoestima do Jonas possa baixar muito e as consequências disto ela não

sabe. Mara ainda informou que o pediatra, disse que o atraso na escola e as características físicas dele indicam a Síndrome do X-frágil, mas exame de cariótipo deu negativo, então ele pediu o exame da pesquisa molecular. Mara falou sobre as dificuldades para realizar o exame.

Décima sessão - Jonas abraçou-me forte, e falou que dia cinco de dezembro é o seu aniversário e quis saber se até lá ainda nos veremos. Eu disse que sim e parabeneizei. Ele organizou os brinquedos e informou que minhas filhas não iriam brincar, porque elas estão muito teimosas. Colocou os carrinhos dentro do caminhão disse que ia levar todos para concertar, porque estão com o pneu furado. Na volta ele mostrou todos os carros concertados e arrumou em um grande círculo. Jogamos palito e Jonas venceu.

Após o jogo conversamos sobre as notas ruins e a falta de interesse pelos exercícios, aí ele esclareceu que não faz as tarefas porque os colegas zombam dele, e dizem que ele é burro assim ele não pergunta mais a ninguém e não faz mais as tarefas. Conversamos também sobre a professora particular, ele disse que não tinha mais professora particular porque já aprendeu e agora ele estava até ensinando um vizinho de quatro anos. Parabeneizei-o, e em seguida ele informou que a mãe do vizinho e a sua mãe também o parabenizou e quis saber se ainda tinha tempo. Sabendo que tinha pouco tempo, Jonas recomeçou a brincadeira e com a arma na mão, disse que era um policial e que eu me assustaria com ele, pediu que eu me afastasse porque iria atirar e então ele andou de um lado para outro com a arma na mão e pediu novamente para eu me afastar porque iria atirar o bandido, fez um som de tiro e disse que o bandido morreu e que eu estava correndo risco. Jonas culpou mãe pelo atraso, dizendo que acordou às seis e meia chamou, mas ela não quis acordar. Guardou os brinquedos disse que tem uma irmã por parte de tio, ela é a filha do tio namorado de sua mãe.

Décima primeira sessão – Após organizar os brinquedos ele me convidou para jogar, mas desistiu do jogo dizendo que não sabia jogar. Pegou a bateadeira fez o movimento de bater e despejou o conteúdo na forma e disse que fez um bolo para mim. Perguntou as horas e continuou vasculhando uma caixa de brinquedos tirou panelas, pratos, garfos, facas, fogão e passou a arrumar os utensílios depois ele quis saber se podia brincar com brinquedos de menina. E eu disse podia sim, pois menino tem casa, almoça e janta toma café da manhã, casa e têm filhos. Mas ele disse que seus colegas da escola falam que menino que brinca com isto é mariquinha. Mas eles falam e depois brincam do mesmo jeito.

Ele arrumou a casa e pediu para eu ficar conversando com sua mulher, porque ela está grávida, pegou o caminhão pipa e disse que era bombeiro e que precisava sair rápido; para apagar um incêndio. Na volta ele disse que estava cansado porque trabalhou muito o fogo demorou apagar, mas ninguém morreu. Ele disse que seu sonho é ser bombeiro e que iria faltar na próxima semana, porque ele iria cantar e tocar flauta no coral que é o seu sonho, depois falou que namorada é a Anne Gabriele. Ao Final ele guardou os brinquedos.

Décima segunda sessão - Incomodado com o atraso, Jonas quis saber se havia perdido muito tempo. Eu disse infelizmente sim. Ele disse que foi o ônibus, o trânsito, e o acidente. Organizou os brinquedos e jogos sobre o tapete e foi brincar de policial pegou os bonecos policiais a moto as armas e os carrinhos da “hot wills”. Enquanto isto eu aproveitei para dizer que estamos chegando ao fim do ano, vamos entrar de férias e que na volta ele teria outra Psicóloga. Ele disse que não queria a outra psicóloga e passou a falar de seu aniversário no dia cinco, me prometeu que se tivesse bolo traria um pedaço para mim. Depois pegou uma arma para atirar o ladrão e disse que iria trabalhar porque é importante. Ele falou que os bandidos abusaram dos policiais e os prenderam dentro da casa e disseram que iam estuprar a filha e a mulher dele. Montou um bonde de seis vagões com peças de encaixe. Ele colocou os policiais dentro dos vagões para enfrentar os bandidos.

Ele mostrou o relógio e o celular novos que sua mãe comprou no lugar do que foi roubado na escola. Ele agora onde esconde o celular dentro da calça na direção da virilha. Quiz saber quando terminava os atendimentos, eu avisei que seria na outra semana. Ele falou que diria à outra psicóloga que gosta de mim. Eu disse que ele deve dizer o que quiser à outra psicóloga. Ele concertou a caixa de ferramentas e depois pediu para eu fechar os olhos. Eu deixei entreaberto, ele percebeu e disse pra eu fechar só abri quando ele avisar. Ele perguntou o que eu achei da cor, eu disse que estava bonito e ele disse que foi a cor que eu escolhi, antes era preto e branco. Ele brincou no cavalinho e arrumou e guardou os brinquedos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi apresentado nesta história clínica o caso de um menino de nove anos de idade, previamente diagnosticado para TDAH por uma psicóloga credenciada no serviço de psicologia do HJUM, e confirmado por uma psiquiatra credenciada pelo serviço de

psiquiatria do SUS, que recebeu Ritalina[®] 20mg diariamente antes de ir para escola, mas apesar do tratamento ele continua com baixo rendimento escolar, agitação, falta de concentração, indisciplina e não consegue realizar as tarefas escolares, estes comportamentos são compatíveis com o diagnóstico de TDAH e estão de acordo com critérios diagnósticos de TDAH segundo o (DSM 5, 2014) que leva em conta três dimensões de sintomas, que são: distração, impulsividade e hiperatividade.

Por outro lado, as manifestações comportamentais de Jonas, ao menos em parte podem refletir as relações sociais estabelecidas em contextos nos quais ele vive (filho único, mãe solteira, dificuldades econômicas e abandono por parte do pai) ingredientes que podem propiciar desorganização no desenvolvimento. Segundo França (2012) crianças com prejuízos na construção da sua subjetividade, pela dificuldade de evolução das sensações às emoções, das percepções às representações, do corporal ao psíquico podem apresentar sintomas resultantes de falhas no desenvolvimento primitivo. E em estados ansiosos desorganizam-se internamente originando diversos tipos de sintomas, e o prejuízo do desenvolvimento simbólico levará ao aprisionamento no mundo da sensorialidade, e a expressividade corporal predominará sobre funcionamento psíquico (FERRARI, 2000).

A hiperatividade pode estar associada ao “escoamento de conteúdos internos, por falhas de contenção, representando esforços na tentativa de recuperar algum tipo de contorno, uma segunda pele diante da ausência de uma pele psíquica” (França, 2012). Ainda segundo França (2012) o sintoma de falta de atenção associados hiperatividade, sugere a existência de forças pulsionais muito intensas atuantes, que por não conseguirem encontrar continência, mobilizariam fortes defesas narcísicas e a criança se voltaria para si mesma, ficando entregue às próprias forças, insuficientes para darem conta dos desafios da vida e do crescimento.

A suspeita de síndrome do X-frágil (percebida pelo seu pediatra), se deve a traços anatômicos (rosto e cabeça alongada, orelha grande e em abano), comportamentais e o baixo rendimento escolar, compatíveis com esta Síndrome (DA CUNHA e MAGALHÃES, 2012). O resultado do exame de cariótipo foi negativo, restando o resultado da pesquisa molecular para fechamento do diagnóstico da síndrome do X-Frágil.

Observou-se durante as sessões, que Jonas primeiro espalha e depois organiza todas as categorias de brinquedos ao seu alcance, transformando em vários e diferentes

cenários perfeitamente compatíveis com as brincadeiras que posteriormente desenvolve. Ao final da sessão organiza e guarda os brinquedos. Este arrumar pode estar relacionado com a busca de organização interna, provavelmente a psicoterapia de alguma forma esteja beneficiando o paciente.

Jonas gosta das sessões de psicoterapia sugerindo que atividade lúdica no setting é prazerosa. Ele trabalha cada cenário evidenciando que é possível ele se concentrar em algo sugerindo que tarefas específicas e em companhia de um psicopedagogo poderá contribuir para a realização das tarefas escolares com mais eficiência. Talvez ele possa vir a realizar tarefas acadêmicas específicas com autonomia. Os dados não são conclusivos, mas já começa a ser perceptível algum progresso o que sugere que a continuidade da terapia poderá ser útil neste caso.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **A criança e seus jogos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: texto revisado (DSM 5)**. Artmed, 2014.
- BALLONE, G. J. **Síndrome do X Frágil**. In: PsiqWeb, Internet. disponível em World Wide Web: <www.psiqweb.med.br,> revisto em 2012. Acesso em: 26 de julho de 2015.
- BEKLE, B. Knowledge and attitudes about attention-deficit hyperactivity disorder (ADHD): a comparison between practicing teachers and undergraduate education students. *Journal of Attention Disorders*, v.7, p.151-61, 2004.
- BUSSING, R.; et al. Knowledge and information about ADHD: evidence of cultural differences among African American and white parents. **Social Science & Medicine**, v.46, p.919-28, 1998.
- COPPOLILLO, H. **Psicoterapia Psicodinâmica de crianças**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- DA CUNHA, A. C. B.; MAGALHÃES, J. G. Educabilidade cognitiva de aluno com síndrome do X Frágil: um estudo de caso. **Ciências e Cognição/Science and Cognition**, v. 17, n. 1, 2012.
- DOSREIS, S. et al. Parental Perceptions and Satisfaction with Stimulant Medication for Attention-Deficit Hyperactivity Disorder. **Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics**, v. 24, n. 3, p. 155-162, 2003.
- FERRARI, A. B. E; STELLA, A. Os registros de linguagem. In. A. B. Ferrari A.B. e A. STELLA, A. **A aurora do pensamento**. São Paulo: Editora 34. p.186-200, 2000

FRANÇA, Maria Thereza de Barros. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): ampliando o entendimento. **Jornal de psicanálise**, v. 45, n. 82, p. 191-207, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352012000100014&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 26 jul. 2015.

MELLO, C. O. Brincar e associação livre: semelhanças e diferenças no tratamento psicanalítico da criança e do adulto. **Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**. v.X, n.2, p.235-45, Porto Alegre, 1993.

SANDLER, J. **Técnica da Psicanálise infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

SARNOFF, C. A. **Estratégias Psicoterapêuticas nos anos de Latência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SHAW, K. et al. A qualitative study of Australian GPs' attitudes and practices in the diagnosis and management of attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD). **Family Practice**, v. 20, p.129-34, 2003.

SILVA, Olga Cassol; DA SILVA BERTOLINO, Luiza Bento; VIETTA, Giovanna Grünewald. Motivos envolvidos no diagnóstico presuntivo de TDAH e a sua associação com o ASRS-18 em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, v. 26, n. 2, 2022.

SOIFER, R. **Psiquiatria Infantil Operativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TURNER, G. et al. Prevalence of fragile X syndrome. **American journal of medical genetics**, v. 64, n. 1, p. 196-197, 1996.

VRIES, B. B. A. et. al. The fragile X syndrome. **American journal of medical genetics**, 35, 579-589, 1998

VASCONCELOS, M. M. et al. Prevalência do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade numa escola pública primária. **Arquivos de Neuropsiquiatria**, v. 61, n. 1, p. 67-73. 2003.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975.

YONAMINE, S. M.; SILVA, A. A. Características da comunicação em indivíduos com a síndrome do x frágil. **Arquivos de Neuropsiquiatria**, v.60, n.4, p.981-85, 2002.

